

# A LICENA PEDE LICENÇA, PRESENÇA!



Viçosa (MG), 23 de Junho-2020

Edição III

Publicação do curso de Licenciatura em Educação do Campo

## QUANTA TERRA VALE UMA VIDA?

Jose Antonio Gomes Junior

As reflexões presentes nesse texto partem dos aprendizados que tive com Dona Denira, camponesa da cidade de Divino/MG. Através das vivências que ela teve nas Comunidades Eclesiais de Base (CEB's), no movimento sindical e na transição agroecológica ela construiu um modo de sentipensar com a terra e a agricultura que considero extremamente autoral e corpóreo.

Em uma visita à sua propriedade, Dona Denira compartilhou algumas experiências. Contou que em um dos seminários que participara estava a arrumar a mesa do almoço e percebeu que a questão alimentar se associava com a terra e com os indivíduos que a cultivam. Diagnosticou também que naquele momento boa parte dos indivíduos e das terras estava "doente". Denira disse que pegou duas bacias, uma com água e outra com terra, e colocou no início da mesa. Ao finalizar esse raciocínio questionou: "Você se limpa antes ou depois de lidar com a terra?". Sem querer(?) ela problematizou um dos fundamentos da modernidade: a dominação da natureza pela sociedade. .

Tomo emprestado a reflexão de uma camponesa para abrir uma janela que procura aproximar a questão agrária e a conjuntura atual. É necessário ter no horizonte que as últimas cinco décadas configuram o período de maior exploração da natureza na



ATC em Divino, no segundo semestre de 2019.  
Crédito: Arquivo Licena

história do capitalismo. Os(as) camponeses(as), quilombolas, indígenas assim como os(as) trabalhadores(as) carregam as chagas desse regime de exploração. O Brasil não foge deste cenário, nas mesmas cinco décadas, em maior ou menor intensidade, foi adotada uma postura que solapa referências civilizatórias, que extrapolam a moderna. O modelo de agricultura é central na tensão política e territorial existente.

Observamos a fronteira agrícola se expandir, a bancada ruralista ampliar sua violência, vimos da Transamazônica a Belo Monte. Compreendemos que soja, milho, café, cana e eucalipto concentram terra e renda e negam a vida. Terra e indivíduo continuam doentes.

Ainda nesses últimos 50 anos, acompanhamos a antítese desse processo: agendas e movimentos de re-existência no sul global. A luta camponesa, a quilombola, a anti-racista e a indígena apresen-

taram léxico teórico-político, a luta pela vida, pela dignidade e pelo território. São ideias que partem de lugares, onde não há separação total entre a cultura e a natureza e a lógica comunitária supera a legalidade das propriedades privadas capitalistas.

Os movimentos do campo carregam, em sua ação/reflexão, outros horizontes de sentido na relação com a terra e com o (a) outro (a). Os povos do campo, os territórios indígenas e quilombolas são detentores de saberes e agriculturas, que estão inscritos nos corpos e escritos na natureza. Acima de tudo, eles carregam uma potência curativa. Em sua cosmologia, as comunidades possuem um poder curativo ancorado nas referências históricas e na relação com a natureza. Talvez, essa seja a principal lição que nós, modernos (as), devemos aprender e que Dona Denira amorosamente nos apresentou.

## CULTURA E DIVERSIDADE

Fabrizio Vassalli e Monalisa Carmo

*“A terra guarda raiz / da planta que gera o pão/ a madeira que dá o cabo/ da enxada e do violão”. Você já parou para pensar como as canções populares são parte da nossa caminhada? Elas carregam sentimentos, nos instigam a denunciar e anunciar o mundo. Renovam a esperança, dão vigor às utopias, fortalecem as identidades, instigam a reflexão e o engajamento para a transformação da realidade.*

Cantando aprendemos a sonhar com a transformação da escola: *“Eu quero uma escola do campo/ Que tenha a ver com a vida com a gente/ Querida e organizada/ E conduzida coletivamente”*. Cantando reforçamos a importância do engajamento social: *“Esse é o nosso país, essa é a nossa bandeira/ é por amor a essa pátria Brasil que a gente segue em fileira”*. Can-

tando afirmamos o papel das mulheres na sociedade: *“Pra mudar a sociedade do jeito que a gente quer/ Participando sem medo de ser mulher”*. Cantando denunciamos o racismo e anunciamos um mundo de liberdade: *“Tem que acabar com essa história/ De negro ser inferior/ O negro é gente e quer escola/ Quer dançar samba e ser doutor/ Dança aí negro nagô, dança aí negro nagô”*.

Cantando também aprendemos a celebrar nossas raízes na cultura popular e na agroecologia: *“Por esse sertão mineiro/ Vi pão de queijo caseiro/ Arroz com feijão tro-*

*peiro/E uma broa de fubá/ Eu vi Folia de Reis/ Eu vi Sabiá cantar”*. Cantando celebramos a conquista da terra: *“Arroz deu cacho e o feijão floriô/ milho na palha, coração cheio de amor”*. Cantando afirmamos que o trabalho no campo pode ser educativo e transformador: *“Amar a terra e nela jogar semente/ A gente cultiva ela e ela cultiva a gente”*.

São muitas as canções, muit@s @s compositor@s! Procure conhecer mais sobre a música e suas conexões com a Educação do Campo!

As canções mencionadas acima são de compositores populares como Zé Pinto, Gilvan Santos, e Rubinho do Vale e outros.



*Pintura sobre tela estampada.  
Autor: Gildásio Jardim*

## FIQUE POR DENTRO!

Acompanhem os debates sobre a educação em tempos de pandemia realizados pela TV Fonec. Todas as quintas-feiras, às 19 horas, a TV Fonec promove diálogos entre pesquisadores e/ou lideranças sociais para discutirem os desafios e estratégias para a educação do campo durante a pandemia da COVID-19. Para mais informações, acesse <https://bit.ly/37CbG4m>.

Encontram-se abertas as inscrições do I Concurso para Logotipo e o nome do Jornal da Licena. As inscrições se encerram no dia 26 de Junho. Para outras informações, acesse o link: <https://bit.ly/30dX0Xv>. Vamos junto@s construir o nosso jornal!

O Departamento de Educação, em parceria com o Grupo Entre Folhas, convida vocês a participarem do grupo de estudos sobre plantas medicinais. Acesse este grupo de Whatsapp: <https://chat.whatsapp.com/GuBY39wGsb2IDUrTFebS8B>

## EXPEDIENTE

**Jornal da Licena – Edição  
III – Junho de 2020**

Organizadores:

Diego Gonzaga Duarte da Silva,  
Edgard Leite de Oliveira, Élica  
Lopes Miranda, Fernanda Maria  
Coutinho de Andrade, Fabrizio  
Vassalli Zanelli, José Antônio  
Gomes Junior, Monalisa  
Aparecida do Carmo, Tatiana  
Pires Barrella e Centro  
Acadêmico da Licena.

Diagramação:

Edgard Leite de Oliveira

Contato:

[educacaodocampo@ufv.br](mailto:educacaodocampo@ufv.br)